

BREVE REFLEXÃO ACERCA DE SEMIOLOGIA DA LINGUAGEM

Diego JIQUILIN RAMIREZ

(Orientadora): Profa. Dra, Edwiges Maria Morato

RESUMO: O presente trabalho faz uma ligeira reflexão acerca da semiologia da linguagem. De maneira muito breve, contrapõem-se duas perspectivas: uma que roga pelo desenvolvimento estreitamente genético da linguagem e outra que amalgama tanto os fatores genéticos na filogênese quanto os fatores sociais na (sócio)ontogênese.

Introdução

Em “Desenvolvimento das funções corticais superiores” (2003), Damasceno defende a tese de que as funções mentais do homem, como a inteligência, a percepção, a memória, e para a Linguística vale ressaltar, a linguagem, têm uma origem histórico-social. Para tanto, a análise que a seguir se apresentará, argumenta em dois sentidos, o primeiro fala em nome do desenvolvimento genético, portanto biológico, e outro em nome do desenvolvimento via comportamento e transmissão cultural.

Genética e herança cultural

Considerando que os organismos vivos possuem capacidade de adaptação, veremos que *a posteriori*, a linguagem, bem como as demais funções mentais do homem é também um sub-produto proveniente da manutenção da vida. Particularmente, acredito que a adaptação é um efeito proveniente de uma das idéias com que se preocupa a biologia: a lei básica da vida, em termos pelo menos darwinistas, é manter-se vivo, manter a própria espécie viva, para isso, os organismos se alimentam, para que não expirem, também passam a vida a fugir do predador. De qualquer modo, já que a morte é um fato, os seres se reproduzem, a fim de que as características genéticas da espécie sejam perpetuadas. Nessa luta em busca de alimento, em modos de reprodução e em esquivos dos inimigos, a adaptação emerge como um mecanismo que, de certa maneira, zelaria para a dita manutenção da vida, apenas os mais aptos sobrevivem. Adaptar é uma questão de sobrevivência. Parece que mecanismos para essa finalidade estão presentes, conforme discorre Damasceno, desde a aparição dos seres mais elementares, como os seres unicelulares, que povoam ou povoaram o planeta (e ainda pensando em termos darwinistas, se não

povoam mais é porque não conseguiram o feito de adaptar-se).

No caso do ser unicelular, a única célula, que é o próprio ser vivo, se irrita, é sensível e apresenta tropismo quanto aos aspectos daninhos provenientes do mundo extracelular. A adaptação, a sobrevivência, a manutenção da vida se dão numa relação direta com o mundo. Essa mesma essência também caracteriza os seres pluricelulados, que desenvolverão, por sua vez, formas psíquicas de captar o mundo. A reprodução, sobretudo para as espécies que se reproduzem sexuadamente, a alimentação e a fuga do predador pressupõem externalidade; o alimento, o que possibilita a reprodução, e o predador não são o próprio ser vivo, senão que estão localizados fisicamente fora dele. No entanto, para os seres unicelulares, a reação ao meio externo, para alguns, é uma capacidade inata, já o fenômeno psíquico, embora tenha a mesma natureza dos reflexos incondicionados dos seres unicelulares, surge com os reflexos condicionados, o ser reage a um estímulo que é anterior ao objeto externo.

O “pano de fundo” da filogênese consiste de um jogo de necessidades adaptativas causadas pelo meio. Dessa maneira, citando Leontiev (1981), Damasceno arrola etapas evolutivas para o desenvolvimento do psiquismo e constata os seguintes estágios: o sensorial elementar, o perceptivo, o intelectual e a consciência humana.

O *sensorial elementar*, segundo ele, “é aquele em que o animal reage a um ou a alguns estímulos isolados da coisa ou fenômeno externo, sem haver percepção de objetos em sua totalidade” (p. 04) e tem como representantes os invertebrados.

No estágio do *psiquismo perceptivo*, em que se incluem os anfíbios e os répteis, graças à formação do córtex cerebral, “o animal reflete as relações entre os estímulos da coisa que constitui o objeto de sua atividade (percepção de formas), bem como o estímulo das coisas que constituem as condições ou contexto em que esse objeto se encontra” (p.04).

No estágio do *intelecto*, típico dos primatas, mamíferos superiores:

“o animal é capaz de i) perceber não só as coisas e os fenômenos, como também as relações existentes entre eles; ii) de operar com as condições em que se encontra o objeto-alvo, modificando-as (fase preparatória da atividade), para atingi-lo (fase resolutiva, final) a fim de satisfazer alguma necessidade; e iii) de transferir rapidamente o esquema de solução anteriormente encontrada para outras condições análogas às que suscitaram a primeira solução” (p.05),

e neste estágio já se está formado o neocórtex associativo, sobretudo frontal, e as conexões dentro e entre os hemisférios por corpo caloso.

O estágio da *consciência humana*, por sua vez, último grau na escala que tende ao psiquismo,

“o sujeito toma consciência de si e destaca-se de sua própria atividade (“espelha-se”), atividade que passa a ser o processo de transformação recíproca entre o sujeito e o objeto, em que o objeto vira sua forma subjetiva (imagem mental) e a atividade do sujeito transforma-se em seus resultados objetivos (produtos) [...] A estrutura cerebral responsável pela atividade consciente é o neocórtex de associação, principalmente o da região pré-frontal e da zona de superposição dos analisadores sensoriais (temporo-parieto-occipital)” (p.06).

Percebemos que, neste ínterim, sob o impulso do meio, a significação surge, mais adiante esse aspecto será melhor comentado. A aranha percebe a vibração da teia, mas o significado, o signo propriamente ainda não está presente, trata-se de um comportamento, por parte do animal, reflexo-institivo. O ambiente fora d'água, por ser mais instável, permite aos répteis e anfíbios a função de memória, estes já desenvolveram órgãos de sentido como aparelho de audição, olfação, visão, em diferença a seres unicelulares que se usam de mecanismos simples, do ponto de vista biofisiológico, como osmose, difusão, recepção de substâncias químicas, etc. Somente com os macacos antropóides é que as relações de causa e efeito começam a apresentar uma centelha de representação simbólica. Apesar de que a coisa externa sempre tenha representado “perigo”, representado “alimento” e representado “parceiro apto para a reprodução”, é somente num nível mais alto da escala filogenética que a significação, a simbologia, a semiologia da linguagem como tal¹ começa a se materializar.

De maneira muito sintética apresentou-se até aqui as inovações das espécies sob um ponto de vista estreitamente biológico, agora vamos ampliar a discussão e comentar que o surgimento das funções mentais do homem também tem outro viés assentado na transmissão sociocultural-histórica. “A transmissão da experiência de uma geração a outra deixa de ser biológica (genética) [devido ao uso de instrumentos de produção (ferramentas) e por instrumentos psicológicos (signos da linguagem)] e passa a ser sociocultural” (p.06). Veremos também o papel do meio sob esta perspectiva.

Tomasello (2003), outro teórico que defende a tese de que a aquisição do conhecimento humano tem suas origens culturais, ao apresentar sua visão, comenta que muitos dos biólogos evolucionistas acreditam num processo chamado *transmissão cultural* ou *herança cultural*, o que levou à criação da Teoria da Herança Dual (*Dual Inheritance Theory*). Essa teoria afirma que “os fenótipos maduros de muitas espécies dependem do que herdaram dos seus antepassados tanto biológica quanto culturalmente” (TOMASELLO, 2003, p. 18).

¹. Sobre linguagem humana e comunicação animal ver: BENVENISTE, E. “Comunicação animal e linguagem humana”. In *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1976.

Como vimos, a *seleção natural* prima a questão da interação do ser com o meio. Contudo, pensando em herança cultural, Tomasello lembra que muitas espécies passam por um longo período de imaturidade quanto à proteção contra os predadores e quanto à procura de alimento, os filhotes dependem por um longo período dos genitores. “A vantagem que compensa a longa imaturidade é que isso abre vias ontogenéticas que incorporam quantidades significativas de aprendizagem e cognição individual, o que costuma resultar em adaptações comportamentais e cognitivas mais flexíveis”². Essas adaptações, de acordo com o ambiente, podem ser úteis para as espécies cujo nicho é diversificado ou cujo nicho muda muito rapidamente no decorrer do tempo.

Além do meio físico, o meio social também transmite informação ao ser vivo, o americano exemplifica comentando sobre a aquisição de canto por alguns pássaros, que se dá através da escuta do canto dos pais.

Discorre o autor que, quanto aos seres humanos no âmbito cognitivo, a herança biológica é deveras semelhante com a de outros primatas. A diferença fundamental se deve ao fato de que os homens se identificam mais profundamente com seus co-específicos. No decorrer da ontogênese a criança se auto percebe como um sujeito intencional e vê seus co-específicos do mesmo modo, “cujas estratégias comportamentais e de atenção são organizados em função de metas” (p.19). Num estágio mais avançado a criança se auto percebe como um agente mental, “um ser com pensamentos e crenças que podem diferir dos de outras pessoas bem como da realidade” (p.19). Tais componentes que fazem com que o homem seja diferente dos primatas torna particular e poderosa novas formas de herança cultural. Perceber seu co-específico como um agente intencional permite que surjam processos de sociogênese, ou seja, aqueles processos em que os indivíduos colaboram entre si para fabricar artefatos e práticas culturais historicamente preenchidas.

Desse modo, podemos dizer que a herança cultural humana, dentre outras, é cumulativa, i. e., “acumulam as modificações feitas por diferentes indivíduos no transcurso do tempo de modo tal que elas se tornam mais complexas, abrangendo um espectro mais amplo de funções adaptativas” (p. 51), esse tipo de herança é chamado de herança cultural cumulativa ou “efeito catraca”. E é, conforme apontado no parágrafo anterior, uma poderosa e diferente forma de herança cultural, de sociogênese. A linguagem, segundo Tomasello, é fruto de um desses processos de sociogênese: “todos os símbolos e as construções de uma dada língua não foram inventados de uma só vez, e depois de inventados geralmente não permanecem idênticos por muito tempo” (p.58). E prossegue:

². *Op. cit.*, p. 17-18)

“uma possível implicação dessa idéia é que os primeiros homens modernos, que surgiram na África há uns 200 mil anos, foram os indivíduos que primeiro começaram a se comunicar simbolicamente – talvez usando algumas formas simbólicas simples, análogas às usadas por crianças humanas. Em seguida eles se dispersaram pelo mundo, de modo que todas as línguas atuais derivam em última instância daquela única protolíngua – no entanto, se aquela protolíngua era muito simples, nesse processo cada cultura pode ter sintatizado e gramatizado seqüências discursivas de maneira fundamentalmente diferentes e desde muito cedo” (p. 61).

Considerações finais

Agora, a noção de adaptação também já pode ser ampliada. Já que o ser humano é um ser intencional, adaptar-se não consiste apenas em voltar vivo para a casa, mas também em voltar como para casa. Creio também que, com esses dois percursos, de um lado pela genética e de outro pela herança cultural, consegui brevemente comentar a tese de Damasceno de que as funções mentais do homem, sobretudo a linguagem, diz algo que vai além da transmissão genética.

Percorri um percurso na filogênese que tentou relacionar “irritabilidade, sensibilidade e tropismo”, propriedades dos seres unicelulares (mas não apenas deles), propriedades incondicionada e inata (portanto transmitida geneticamente), com “semiologia da linguagem”, propriedade exclusiva da espécie humana, aqui defendida como uma propriedade construída e transmitida também via herança cultural.

Termino esta reflexão citando mais uma vez Tomasello: “significa que a maioria, se não todas as habilidades cognitivas exclusiva da espécie dos seres humanos, não se deve diretamente a uma herança biológica única, mas resulta antes de uma variedade de processos históricos e ontogenéticos desencadeados por aquela capacidade cognitiva exclusivamente humana e biologicamente herdada” (p. 20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DAMASCENO, Benito Pereira. Desenvolvimento das Funções Corticais Superiores. São Paulo: Unicamp, 2003. Mimeografado.
- TOMASELLO, Michael. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003.